

Paris, Julho de 1958

Congresso de Física Nuclear

Volvidos 2 anos, novo encontro e agora em Paris. O casal Valadares convidou-nos para almoçar na sua casa em Saint-Germain-en-Laye. Visita que nos deixou gratas recordações! Tanto para conversar, para ouvir e para contar! Numa quente tarde de Julho passeamos pela antiga e real cidade com os seus imponentes monumentos. E, por contraste, não esqueço o choque com a realidade dos “bidonvilles” onde os emigrantes portugueses se aglomeravam. Mesmo sabendo pela imprensa da sua existência!

Razões familiares e profissionais impediram-me de acompanhar o meu Marido nas suas idas a Orsay, onde o Dr. Manuel Valadares se encontrava numa posição de relevo.

Estas deslocações profissionais permitiram ao meu Marido manter com o Dr. Manuel Valadares as relações científicas, mas também as relações de amizade iniciadas em 1956. Mas eu, mesmo sem possibilidade de novos encontros, nunca deixei de me informar e ouvir com prazer as notícias dos Amigos!

Sobre o documentário “Manuel Valadares – um caso exemplar” António Marques-Pinto

O convite que recebi do professor Augusto dos Santos Fitas, para abordar aspectos do meu documentário sobre o professor Manuel Valadares, colocou-me um desafio em alguma medida parecido com aquele que me foi posto quando a Diana Andringa, então responsável pelo Departamento de Programas de História e Sociedade da RTP, me convidou para fazer aquele trabalho: eu era quase tão ignorante em Física como acerca da personalidade que estava incumbido de tratar, mais dado eu à actividade da rádio-televisão do que à radio-actividade. Por outras palavras: no assunto que aqui me traz, sou mais espectador do que actor.

Jogavam a meu favor, porém, alguns instrumentos que tomo a ousadia de recomendar a quem me lê: a curiosidade, o atrevimento e o interesse pessoal.

O interesse, no meu caso, era profissional; o atrevimento era a condição para avançar; a curiosidade era uma característica de personalidade que não envelheceu em mim e que, julgo eu, me aproxima dos cientistas. E das crianças.

Do “buraco negro” da ignorância em que vivia mergulhado, acerca do que me cabia elaborar, lá fui escapando através de luzes ténues e distantes, mas que traziam novas orientações: testemunhos pessoais, textos publicados, arquivos - o trabalho comum de todo o investigador, enfim, que teria de ser completado com as gravações e a edição audiovisual.

Nada tenho para dizer aqui de novo e, muito menos, de científico. O que posso acrescentar, e que pode merecer alguma curiosidade, são episódios que não integrei no programa produzido e exibido pela RTP – escolho três deles.

1 – A importância do acaso

Das consultas que fiz nos arquivos da PIDE existentes na Torre do Tombo, visto que o professor Valadares foi perseguido politicamente, eu soube que teria havido uma reunião numa casa, na periferia de Paris, em que participou Manuel Valadares. Pelo tempo que passou entretanto, e pela falta de mais informação acerca daquela casa,

a esperança de que viesse por aí alguma informação útil, era escassa, desprezível até, se não fosse a falta de mais matéria, com que me confrontava.

Depois de ter telefonado para embaixadas e particulares, em Portugal e em França, na tentativa de localizar o filho de Manuel Valadares, Manuel Carlos Valadares, consegui o contacto telefónico daquela casa. Liguei, apesar da falta de esperança quanto ao resultado deste esforço. Mas foi ali mesmo que o localizei, por mero acaso, visto que raramente ele lá ia, segundo me disse. Tratava-se afinal de uma casa de férias. Esse contacto proporcionou uma parte fundamental do conteúdo deste trabalho, uma vez que pude entrevistá-lo mais tarde, não ali, mas na sua própria casa onde pudemos registar também pinturas e esculturas do Professor e de sua mulher, Maria de Lourdes Valadares. Dir-se-ia que foi o acaso, portanto, que me valeu onde o meu “método científico” não me dava resposta. Mas, na verdade, este desfecho ocasional não teria ocorrido sem o esforço prévio, da pesquisa. Justiça seja feita, portanto, à Ciência. Quanto à contribuição perversa da polícia política de Salazar, ao apreender uma carta de Manuel Valadares que me levou a este resultado, isso ajudaria a escrever um extenso anedotário que não cabe aqui.

2- Eu e a radioactividade

No meu périplo em Paris e arredores, para recolher testemunhos e informações para o documentário, não podia faltar o registo de um local onde trabalhou Marie Curie. Como se sabe, ela teve uma importância incontornável no percurso pessoal e profissional de Manuel Valadares. M.me Curie tinha o seu escritório nas instalações que constituem actualmente o Musée Curie, e que fica numa rua a que, mais tarde, seria dado o nome dela e do marido, Pierre Curie. Sendo assim, dirigi-me para lá com o operador de imagem a fim de captar a atmosfera desse mítico espaço onde Manuel Valadares foi recebido pela notável cientista, pela primeira vez, em 1930.

Nada de surpreendente nesse gabinete que pode ser encontrado no meu documentário, em publicações da es-

pecialidade e até em fotografias profusamente disponibilizadas, entretanto, na *internet*. O que me surpreendeu de todo foi saber, no local, que eu teria de assinar um termo de responsabilidade para aceder ao livro de anotações de Marie Curie, tendo ela falecido em 1934. Isto é: o manuseamento daquele livro continuava a poder contaminar um utilizador, cerca de setenta anos depois. Não sendo essencial para o meu trabalho, não usei – ou não ousei!

3 – Tinha que não ser

Tão imprevisto como encontrar o filho de Manuel Valadares nas circunstâncias que descrevi, ou ter que assinar, justificadamente, um termo de responsabilidade para aceder ao caderno de Marie Curie, foi o que aconteceu quando tentámos gravar uma explicação sobre o modo como funciona um acelerador de partículas. O dr. Santana Dionísio, incansável na colaboração que nos prestou, conduziu-nos para a sala de um laboratório onde existia um equipamento para aquele efeito.

A ideia era seguir um seu colega enquanto este explicava o que se passava no interior do equipamento que se via por trás dele. O equipamento foi ligado, o senhor preparou-se para falar, mas a câmara de vídeo é que não arrancou. Retomou-se o processo e repetiu-se o problema. Conclusão: a única câmara de vídeo que levámos de Lisboa, tinha avariado. Suspeitei que pudesse existir alguma interferência do equipamento local com o funcionamento da câmara – logo eu que não percebia muito sobre o questões técnicas de funcionamento das câmaras, e coisa nenhuma sobre o funcionamento de aparelhos usados em reacções nucleares.

O próprio professor Manuel Valadares, quando publicou em 1930 um trabalho sobre o efeito de radiações em placas fotográficas, não podia imaginar o efeito das mesmas radiações nas câmaras de vídeo. Por razões óbvias!... O certo é que a câmara passou a funcionar quando se desligou “o sistema” que tinha sido activado à nossa chegada.

Depois do susto que apanhámos, ao pensar que não poderíamos continuar as gravações em Paris, o registo de vídeo acabou por ser feito com êxito, portanto, bem como as gravações subsequentes. Os cinquenta e cinco minutos reservados para o documentário é que não chegaram para tudo quanto se havia gravado, e aquela “cena” acabou por ser sacrificada na fase de edição. Definitivamente, tinha que não ser!

Se a realização do documentário me entusiasmou, desde início, percorrer os canais de investigação sobre a história da Física Nuclear, e particularmente da Radioactividade, ainda que na insipiente dimensão que o meu trabalho exigia, revelou-se uma tarefa fascinante. Num universo comunicacional em que o infinitamente pequeno é ignorado a favor do infinitamente grande, mergulhar nos mistérios da Física Atómica é extremamente surpreendente. Quem vier a desenvolver investigação, teórica ou experimental,

neste domínio, decerto encontrará fortes motivos de interesse, tanto mais que a época actual, da chamada Revolução Digital, oferece e reclama cada vez mais desenvolvimento científico. O terreno para a investigação é fértil e a sua utilidade é inquestionável.

Manuel Valadares sentiu, desde cedo, o gosto pela investigação científica, um gosto que “contaminou” os estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa enquanto ele ensinou ali, como testemunhariam os seus antigos alunos e alunas.

Em 1947, Salazar decidiu expulsar do ensino dezenas de professores, quadros militares e outros, por discordâncias políticas, inclusivamente por contestarem a falta de apoio do Estado ao desempenho dos académicos bolsistas. Como consequência desta perseguição, aqueles tiveram que procurar trabalho noutros países que beneficiaram, assim, das suas competências. Agora, que tanto se fala da “exportação de cérebros” portugueses, esta referência ganha particular oportunidade.

Foi naquelas circunstâncias que o professor Valadares deixou a Faculdade de Ciências de Lisboa onde leccionou durante mais de 25 anos. A convite de Irène Curie, filha de Marie Curie e Frédéric Joliot-Curie, foi trabalhar como investigador em França. Pôde participar, designadamente, no núcleo de investigações sobre a constituição da matéria e a estrutura dos átomos. Num artigo de uma das suas primeiras orientandas na FCUL, desenvolve-se com detalhe o que foi a vida intensa e a obra extensa de Manuel Valadares. Mas o mesmo é referido, em outras publicações, por outros autores ligados à mesma área do conhecimento. Vale bem a pena consultar um artigo do próprio Manuel Valadares.

Confesso que eu próprio, que nunca fui motivado para estudar estes assuntos, me entusiasmei com eles desde que o tal “buraco negro da ignorância” foi sendo preenchido com as leituras a que o documentário me chamou.



António Marques Pinto nasceu no Porto em 1949, e aí ficou até ser enviado para a guerra colonial. “Matou aí dois anos da sua vida” - no dizer do próprio - e regressou para servir os “seus verdadeiros interesses” que culminariam na realização de programas na RTP. “Conversas Vadias”, com o prof. Agostinho da Silva, permanece ainda na memória de muitos. A curiosidade intelectual e artística fê-lo trilhar experiências paralelas na literatura, nomeadamente com “Pensão Imperial”, e na dramaturgia com a criação e direção de um grupo de teatro em Lisboa. O documentário sobre o cientista Manuel Valadares, aqui referido, aproveita certamente desta sinergia.